

# CASA TEM OLARIA: uma abordagem cartográfica e conversacional no estudo das relações das pessoas com os artefatos do cotidiano doméstico

*House has Olaria: a cartographic and conversational approach design in the study of people's relationships with everyday domestic artifacts*

CONCEIÇÃO, Luiza; Bacharel; Escola Superior de Desenho Industrial — ESDI/UERJ  
oimechamoluiza@gmail.com

## Resumo

Este artigo apresenta a construção da pesquisa para o projeto de conclusão de curso em Design na ESDI, orientado por Bianca Maria Rêgo Martins. Com foco em Olaria, bairro da cidade do Rio de Janeiro, o estudo visou contribuir para o enriquecimento da construção do conhecimento sobre a cultura do subúrbio carioca, revelando a relação de afeto estabelecida pelos moradores com seus artefatos domiciliares. Utilizando a cartografia e a conversa na elaboração da pesquisa, por meio de um olhar do design, investigou-se como se dá a relação das pessoas com o Rio de Janeiro, o bairro, o próximo, a casa e os artefatos do cotidiano.

**Palavras-chave:** método de pesquisa; subúrbio carioca; cotidiano doméstico.

## Abstract

*This article presents a report of experiences lived in the construction of the research for the course completion project in Design at ESDI supervised by Bianca Maria Rêgo Martins. Revealed through the affections of residents with their household artifacts, focusing on a specific neighborhood called Olaria, the study sought to contribute to the enrichment of the construction of knowledge about the culture of the suburbs of Rio de Janeiro, a Brazilian city. Using cartography and conversation as a research method, through a design perspective, was investigated how people's relationships with Rio de Janeiro, the neighborhood, their neighbors, the house and everyday artifacts happen.*

**Keywords:** Research methods; suburbs of Rio de Janeiro; domestic daily life.

## 1 Introdução

O interior das habitações domésticas tem o potencial de revelar muito sobre os indivíduos. Na relação com as residências, as pessoas criam ali hábitos e costumes, deixando sentimentos variados florescerem. Como artefatos ordinários, aqueles produtos, objetos, aparelhos, peças, utensílios, coisas, trechos e troços presentes no cotidiano das residências podem revelar características identitárias?

A casa é nosso próprio elemento, nossa segunda pele, como se costuma dizer: ela é nosso canto do mundo, testemunha de nossa intimidade mais profunda. É por esta razão que ao lermos uma casa, estamos revelando a relação de seu morador-construtor com o mundo e como ele se ilude ou percebe a realidade. Ao primeiro olhar, a casa nos parece apenas uma forma geométrica, um volume habitável, decidido racionalmente. Mas logo começam a se insinuar alguns traços que vão compondo uma determinada feição, uma personalidade e eis que o espírito da casa aparece estampado em sua fachada. É ela que conta para nós sobre seu morador-construtor, que não é um habitante passivo, mas um artista que pinta com suas próprias cores, um quadro interativo. (Moreira, 1999 apud. Santos; Mattoso; Guilhon, 2019, p.169)

Partindo dessa ideia, é possível dizer que a formação da identidade do sujeito se dá no espaço habitado, mas também se manifesta nele. Assim, a residência se torna um reflexo do indivíduo.

Ao refletir sobre artefatos de memória em ambientes domésticos, Vera Damazio (2006) discute a relação entre pessoas, entorno físico, estética, funcionalidade e memória, revisitando os meios pelos quais os indivíduos dão sentido aos ambientes familiares. Segundo Vera, em estudos feitos por Mihaly Csikszentmihalyi com o intuito de investigar as conexões que as pessoas possuíam com objetos artísticos que tinham em suas residências, o psicólogo croata constatou certa impessoalidade no que se referia às obras. No entanto, objetos que passariam despercebidos, dada a ordinariedade da vida cotidiana, eram retratados pelos entrevistados como objetos “que traziam sentido à vida de seus moradores”, fossem eles a réplica de uma escultura famosa, uma carteira ou um caderno velho.

Deixando o olhar do indivíduo sobre a “coisa” e passando ao olhar da “coisa” sobre ela mesma. No campo formal do design, as produções intentam fornecer símbolos que afetam e contribuem na formação da identidade do ambiente e do indivíduo. Desde a instauração acadêmica do design no Brasil, projetistas buscam um produto próprio da “cultura brasileira” tentando aliar a realidade local às referências internacionais, prevendo uma participação no desenvolvimento de uma cultura material (Moraes, 2005). Um olhar que focaliza ambos, o campo formal e as percepções dos indivíduos sobre o mundo, tem em vista valorizar e entender as raízes do que hoje se projeta como cultura material, ao considerar hábitos e costumes que fazem parte da cultura imaterial.

Em design, muito se busca sobre identidade — ou até mesmo “A” identidade. Contudo, no Brasil, os grupos sociais são heterogêneos e particulares. Com uma complexa extensão territorial, diferentes contextos emergem e a noção de identidade se torna multidimensional. A tentativa de homogeneização da identidade nacional se torna leviana ao considerar a pluralidade cultural e social das regiões do Brasil (Bosi, 1992; Ono, 2004). Ao falarmos de cultura, estamos falando de diversas culturas brasileiras. Sendo assim, definir uma só brasilidade pode trazer perdas na identificação de características.

Então, além de “como artefatos ordinários podem revelar características identitárias”, a pergunta que permanece é: o que aquelas coisas, trechos e troços presentes nas casas das pessoas

podem revelar sobre suas identidades e apontar familiaridades entre grupos?

Este artigo surge de uma pesquisa realizada com nove moradores do bairro de Olaria, área do subúrbio carioca, que auxiliaram na busca por essas respostas, com o objetivo final de valorizar as relações das pessoas com os artefatos do cotidiano doméstico.

## 2 Contextualização: sobre o local pesquisado

Antes de um aprofundamento nos tópicos referentes a metodologia e as práticas de pesquisa, é válida a contextualização sobre o subúrbio carioca e sobre o bairro de Olaria, uma vez que esses lugares serão referenciados diversas vezes durante o artigo. Desse modo, é possível mitigar um possível desconhecimento do campo de estudo, dada a dimensão territorial do Brasil ou a visão homogeneizada que pode reduzir a perspectiva do subúrbio carioca.

O termo subúrbio carioca contempla uma multiplicidade de pessoas, locais, culturas e saberes. Segundo Rodrigo Cunha Bertamé Ribeiro, subúrbio carioca “define um conjunto complexo de relações e apropriações de um determinado tipo de morador da cidade que é afetado por processos de segregação urbana e que afeta a cidade por suas expressões cotidianas” (2016, p.193).

Os subúrbios cariocas apresentam uma diversidade geográfica, histórica e nas manifestações de ocupação dos espaços. Durante as décadas de 1930 a 1950, os subúrbios ganharam protagonismo como símbolo positivo, associado a contribuições dos trabalhadores para a cidade. A chegada das linhas ferroviárias e de parte da atividade industrial do Rio de Janeiro a esses espaços transformaram a paisagem, até então rural, com a concentração de pessoas e contribuíram para a formação econômica da cidade (Santos; Mattoso; Guilhon, 2019). Assim, o trem se tornou uma marca que alterou a paisagem e demarcou (ou dividiu) os espaços no subúrbio.

O descompasso do desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro gerou diferentes realidades. Todavia, a presença de características arquitetônicas e culturais que promovem a identificação entre os moradores denotam similaridades nos espaços. Por exemplo, dentre as características arquitetônicas do bairro de Olaria e adjacentes é possível destacar: a divisão do bairro imposta pela linha férrea; a regularidade dos terrenos e ruas; e o padrão da altura das construções, em sua maioria casas de baixa estatura com no máximo 3 andares (figura 1).

Figura 1 - Casas do bairro de Olaria





Fonte: reprodução de Henrique Maximo

A região da Zona da Leopoldina e arredores — atravessada pela atual linha férrea de Gramacho/Saracuruna que contempla bairros como Bonsucesso, Ramos, Olaria e Penha —, recebeu as iniciativas do governo de Getúlio Vargas para habitações populares e urbanização de novos territórios com o IAPC (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes) e o IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários). Projetos inaugurados nos bairros de Olaria e da Penha entre os anos 1945 e 1947.

A integração dos espaços residenciais, para os quais foram planejados, com os locais sociais conformaram um subúrbio “composto majoritariamente por uma população economicamente ativa, de caráter basicamente residencial, com forte tendência comercial” (Santos; Mattoso; Guilhon, 2019, p.133). O objetivo ao estudar esses ambientes e os hábitos de seus residentes é identificar, documentar e compartilhar as características únicas da maneira como o espaço é utilizado, resultado de um processo de construção diária.

Apesar da intenção de expandir o conhecimento sobre o que significa o subúrbio, destaco também o subúrbio que conheci e me levou ao tema dessa pesquisa. Nas palavras de Ana Paula Lisboa em “As crônicas de Carlos” (2015), a autora retrata um cenário que por anos vivenciei particular e coletivamente. A crônica reflete uma parte do subúrbio que me atravessa desde a infância no ir e vir, fosse através dos trens do ramal de Saracuruna e Gramacho ou através dos ônibus na Avenida Brasil.

[...] suponha que você esteja parada dentro do ônibus 362, no engarrafamento diário da Avenida Brasil. Suponha que entre no ônibus um vendedor de balas toffee, suponha que as balas sejam recheadas de maracujá e chocolate. Suponha ainda que o vendedor seja pardo, de olhos verdes e que ele use calça jeans, camisa social e tenha um sorriso bonito. Agora suponha que ele chame o motorista, o trocador e todos os passageiros de “Bença” e que isso seja uma alusão a bênção. Dito isto, suponha que o homem comece o seu discurso pedindo desculpas pelo incômodo na viagem. Aí você supõe que ele começará a contar uma história triste, certo? Suponha que sim. Suponhamos que ele foi viciado em crack, que numa alucinação atravessou andando as pistas da Avenida Brasil, foi atropelado, ficou inválido, mas que agora, graças a Deus, está lavado e remido pelo sangue do Cordeiro. Suponha que ele tenha vendido suas balas, agradecido, abençoado compraram e os que não, e descido. (SIMAS; MOUTINHO (org.), 2015, p.128)

### 3 Conceituação: sobre metodologia e método

Com um caráter atitudinal, focando nas falas, histórias, impressões, sensações, sentimentos e afetos, essa pesquisa se configura como uma pesquisa qualitativa. A fim de tornar o projeto horizontal e apontar para uma colaboração com os verdadeiros protagonistas da história contada,

o método cartográfico (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) se torna determinante para a pesquisa e guiou o artigo.

A cartografia não possui a intenção de ser totalizante em relação aos objetos ou situações estudadas. Em contrapartida, tem em vista compreender as forças que atuam sobre os elementos pesquisados. Neste sentido, a pesquisa-intervenção considera em um mesmo plano objetos, sujeitos e conhecimentos como resultantes interdependentes.

[...] a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência — o que podemos designar como plano da experiência. A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos [...] do próprio percurso da investigação. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p.17).

Assim como a lógica de se fazer design, a pesquisa-intervenção não tem como requisito fundamental a total neutralidade, mas sim a coletivização da experiência ao se conectar diversos agentes. O que significa dizer que durante a pesquisa houve um aprofundamento no estudo de campo sem o total distanciamento do mesmo, acarretando a construção de um conhecimento afetado pelos valores, interesses e desejos dos diversos indivíduos envolvidos.

Por conta disso, a cartografia abrange toda a abordagem de pesquisa — desde a intenção de se fazer a pesquisa até o seu fim, passando por todos os realinhamentos de objetivo, sejam eles quantos forem. Isso, pois o campo aponta sempre para uma situação social concreta que se diferencia ou alinha com a expectativa do pesquisador.

Para o contato estabelecido com os parceiros de projeto, dois caminhos foram definidos e serviram para momentos distintos do processo de pesquisa: a conversa “despretensiosa” colocada em momentos de apresentação da pesquisa, maior aproximação dos parceiros ou de discussão dos resultados, e a entrevista semi-estruturada, que serviu ao propósito de coletar os dados de maneira mais estruturada e capturá-los também mediante imagens e vídeos.

Esta abordagem da conversa é pertinente aos estudos do cotidiano, sendo eficaz para a pesquisa ao enfatizar a importância de promover a colaboração e escuta mútua. Utilizando-a como um método de pesquisa, o ato de estabelecer um diálogo que parece despretensioso pode proporcionar uma compreensão mais profunda dos tópicos de pesquisa e menos assustadora ou intimidante para os parceiros de projeto (Ribeiro; Sampaio; Souza, 2023).

A conversa é algo absolutamente natural à vida. Por meio da conversa é possível acessar o outro, deixar que ele te conte o que quer, entender o que é importante para ele falar ou não, deixando que ele tome a narrativa ao apresentar suas experiências e perspectivas do modo que desejar. Assim, um ambiente de confiança, espontaneidade e intimidade entre pesquisador e participantes é facilitado.

Utilizar esses métodos é uma maneira de estar presente nos espaços dos parceiros de projeto (figura 2) e sensível às histórias contadas por eles no momento do campo, respeitando a intimidade, mas se convidando a também fazer parte dela.

Figura 2 - Artefatos em contexto de uso na casa de parceiras de projeto



Fonte: reprodução de Henrique Maximo.

O método, por sua vez, é usado como uma ferramenta para acompanhar as experiências das pessoas, criar envolvimento nos processos em andamento e identificar as conexões potenciais entre diferentes elementos. O objetivo não é impor uma definição rígida à situação estudada, e sim destacar a rede de influências à qual está vinculada.

#### 4 Plano de pesquisa

O plano de pesquisa foi estruturado em quatro etapas, que conscientemente foram sobrepostas ou alternadas a depender do momento do projeto. A primeira etapa consistiu em uma contextualização teórica por meio de uma revisão bibliográfica dos temas estudados, identificando as diretrizes mais adequadas nas diferentes abordagens utilizadas como referência.

A segunda e a terceira etapa consistiram na aproximação prática ao campo de estudo. Com a delimitação da área de pesquisa, houve um contato inicial com os moradores por meio de conversas e entrevistas semi-estruturadas com uma amostra das pessoas inicialmente contatadas. Além disso, foram realizados levantamentos fotográficos das residências, dos artefatos domésticos e do bairro de Olaria.

Na quarta e última etapa, os artefatos registrados foram analisados. Os registros sobre a análise podem ser vistos na seção 5 deste artigo, intitulada “Análise da pesquisa”.

##### 4.1 Recortes

Antes de delimitar recortes, diretrizes ou objetivos, foi necessário um momento de reflexão sobre o que já era conhecido acerca do tema por meio da pesquisa bibliográfica. Em busca de compreender a realidade de uma maneira mais honesta e gerar resultados verossímilantes, observando as vivências pessoais e as limitações da produção da pesquisa estando em uma pessoa só, houve necessidade de recortes temáticos para a oportunidade, após a pesquisa de literatura.

Falar do design como elemento na e da cultura é amplo demais. A cultura se manifesta de diversas formas. Existe a cultura erudita e a popular. Existe a cultura regional popular. Existem as materialidades e imaterialidades da cultura regional popular. Existe a cultura regional popular manifesta nos adereços dos festejos brasileiros. Existem diversos festejos brasileiros.

Existem variados caminhos a serem percorridos quando se fala de cultura. Como escrito no verbete Cultura Popular do dicionário IPHAN (Costa, 2015), “o emprego da expressão no plural – culturas populares — talvez consiga mais facilmente percebê-la como práticas sociais e processos comunicativos híbridos e complexos”.

O ponto é que se existem diversos caminhos a serem percorridos, cabe ao designer escolher um conforme os desejos e necessidades que atravessam o seu ato de fazer design, nesse caso, de fazer pesquisa em design. Os resultados dependem, assim, da construção de um repertório que passa pela visão de mundo do próprio projetista.

Designers e usuários são sujeitos, têm vivências únicas, agem de acordo com seus próprios repertórios. As escolhas e tomadas de decisão do designer delinham-se a partir da organização do problema, o qual se constrói sob o enquadramento específico dado por este designer. O usuário, por sua vez, tem também sua bagagem, está inserido em um mundo próprio constituído por relações singulares com pessoas, coisas e artefatos. (Dias, 2016, p.6)

Para esse projeto de pesquisa, as relações entre identidade e cultura do cotidiano eram essenciais a serem abordadas. E, como explicitado na introdução deste artigo, ela se materializou através dos espaços residenciais e as relações de afetos criadas entre moradores e os artefatos presentes nesses espaços.

A casa não é somente o local no qual os brasileiros declaram passar a maioria do seu tempo, como é também o local favorito deles, segundo censo divulgado pelo QuintoAndar em parceria com o Datafolha em 2022<sup>1</sup>. O olhar orientado para a relação dos moradores e seus artefatos domésticos de apreço aspira conhecer a intimidade das pessoas através da cultura material.

Outro caminho percorrido foi na definição do recorte da localidade. Partindo do Brasil, passamos por Rio de Janeiro, subúrbio carioca, zona da Leopoldina, e chegamos a Olaria (figura 3), mais especificamente na Olaria que vai dos trilhos dos trens do ramal Gramacho/Saracuruna e encontra a Avenida Brasil. Falando de uma construção de identidade local, a delimitação visa a identificação mais assertiva de características semelhantes.

---

<sup>1</sup> A pesquisa realizada apontou que para 95% dos entrevistados a casa é o local favorito, enquanto 76% concordaram que passam a maioria do tempo em suas casas, percentual que aumenta conforme a idade. O estudo apresentou como entrevistados 3.816 pessoas acima de 21 anos (com média de idade de 45 anos) dentre as 5 regiões do Brasil. Para saber mais sobre participantes e resultados acesse: <https://conteudos.quintoandar.com.br/censo-quintoandar-habitos-da-casa/>.

Figura 3 - Vida em Olaria



Fonte: reprodução de Henrique Maximo.

## 4.2 Conversas iniciais

Com o intuito de ampliar as perspectivas para gerar experiências mais ricas e significativas com relação às formas de conduzir o estudo e verificar a pertinência do tema da pesquisa, foram realizadas conversas preliminares com parceiros de projeto em potencial.

Através da rede pessoal de conhecidos comecei a ventilar o que seria a pesquisa. Durante esses rápidos momentos de conversa, entre um assunto e outro, houve a busca pela captação das primeiras impressões das pessoas sobre o tema e registro das demonstrações de emoções quando elas eram apresentadas a questão orientadora do projeto.

As pessoas eram despreziosamente abordadas individualmente e seguiam a lógica do que, posteriormente, se desenvolveu como parte dos critérios de amostragem. Eram pessoas de faixa etária e gêneros diversos que residiam há um tempo considerável na Zona da Leopoldina, área definida inicialmente como ponto focal do estudo.

Ao longo dessa jornada de compartilhamento do desenvolvimento da pesquisa com as pessoas, três mulheres demonstraram maior interesse em entender o tema. A introdução à questão de pesquisa suscitou perguntas por parte das três, o que estabeleceu um diálogo inicial de interesse. Elas indagaram sobre a motivação para adotar o tema, como a pesquisa seria conduzida, quais eram as referências, e outros questionamentos relevantes.

Essa abordagem revelou-se promissora, pois ao final das conversas, as potenciais parceiras já começavam a relembrar e discutir suas conexões pessoais com os objetos em suas casas. Além de indagarem como poderiam contribuir para a pesquisa, elas se mostraram dispostas a receber-me em suas residências de forma espontânea, indicando um engajamento inicial significativo e o local para onde encaminhar essas conversas.

## 4.3 Desenho do plano de pesquisa

Visando explorar tópicos de maneira aberta, sem restringir a forma de comunicação, e proporcionar aos parceiros do projeto a liberdade necessária para expressar suas opiniões e vivências, o plano de pesquisa se baseou em cinco pilares. Foram eles: (1) identidade pessoal, (2) cotidiano, (3) crenças sobre o sujeito carioca, (4) crenças sobre o morar em Olaria, (5) relações de domínio, utilidade e afeto com o espaço doméstico.

#### 4.3.1 *Desenho do ambiente de pesquisa e do campo*

Pensar em ambiente de pesquisa também suscita entender melhor o ambiente de pesquisa. Para isso, uma análise histórico-social foi desenhada como uma fase anterior à execução do campo de pesquisa, mediante uma revisitação à revisão de literatura feita para o projeto que deu origem ao artigo.

Além da análise bibliográfica histórico-social, a análise de contexto se mostrou importante uma vez que o olhar particular da pesquisadora já era completamente embebido de vivências pessoais. Logo, como se afastar do que é conhecido? Perguntando e tentando enxergar pelo olhar do outro. Desse modo, dois aspectos diferentes foram delimitados, dando prosseguimento para entender a visão do outro através da conversa sobre o bairro Olaria, e angariando um parceiro de projeto para analisar o olhar dele sobre o bairro.

Considerando o potencial de colaboração, na expectativa de olhar pela visão do outro não só com palavras e dando a devida importância a trazer perspectivas diversas para o projeto, o fotógrafo Henrique Maximo foi convidado a mostrar como entendia o bairro de Olaria através dos seus registros. Morador nascido e crescido na Penha, bairro vizinho a Olaria, Henrique foi convidado para trazer sua visão, enriquecendo assim a representação do bairro no projeto.

Isso demonstra o reconhecimento da capacidade dos diversos modos de expressões como potencial de levantar perspectivas sobre o campo. Nessa linha, as fotografias conseguem narrar histórias e evocar sentimentos. As imagens fotográficas produzidas pelo Henrique podem ser observadas ao longo do artigo.

Para o campo qualitativo, considerando que os temas fundamentais do projeto estão intrinsecamente ligados ao ambiente residencial dos parceiros, optou-se por conduzir conversas e entrevistas semiestruturadas, empregando técnicas de estudos de caso e pesquisas narrativas nas próprias residências dos participantes (Gil, 2022).

#### 4.3.2 *Desenho da amostra do campo de estudo*

A definição da amostra de participantes para a pesquisa qualitativa envolveu o estabelecimento de critérios para captação dos parceiros de projeto. Essa seleção foi fundamental para garantir que os participantes representassem adequadamente o contexto do estudo. Nesse sentido, é importante elucidar como essa definição foi realizada e os participantes foram captados.

Tendo em vista a natureza do estudo e o modo de captação pautado na conversa, todos os parceiros possuíam um vínculo pessoal, fossem amigos próximos, familiares, colegas, conhecidos ou amigos de amigos. Isto contribuiu para a construção de um ambiente de confiança e cumplicidade. No entanto, essa conexão pessoal não foi o único critério de seleção.

Os critérios estabelecidos abrangeram os seguintes aspectos, tendo sido considerados na seguinte ordem: local de moradia, tempo mínimo de moradia, relação de autonomia com a casa, equilíbrio entre faixas etárias, equilíbrio entre gêneros. Desse modo, foi possível identificar as pessoas que garantiriam uma amostra de participantes diversificada, representativa e capaz de fornecer uma compreensão abrangente das relações entre os artefatos domésticos e as questões culturais e identitárias no contexto estudado, como mostra o quadro 1.

Quadro 1 – Critérios de filtro de seleção da amostragem do projeto.

Critérios	Definição
Local de moradia	Todos os parceiros selecionados deveriam residir no bairro de Olaria. Como primeiro critério avaliado, ele assegurou que os participantes estivessem enquadrados geograficamente na área de interesse.
Tempo mínimo de moradia	Dada a influência da pandemia nas dinâmicas cotidianas e nos espaços residenciais, a exigência de pelo menos 8 anos de residência no bairro foi estabelecida. Isso permitiu que os participantes tivessem uma perspectiva sólida e experiência prévia também em relação ao bairro, não só a sua própria residência.
Relação de autonomia com a casa	A relação de posse com a casa e realização de atividades domésticas é estabelecida a partir da condição de que os participantes fossem detentores de um papel central nas atividades domésticas da casa. Essa abordagem garantiu que os parceiros estivessem intimamente envolvidos com os artefatos presentes em seus lares.
Equilíbrio entre faixas etárias	Por entender que as diferenças de idade poderiam influenciar as relações comportamentais com os artefatos, a seleção dos parceiros considerou uma distribuição equilibrada entre faixas etárias para abranger as diferentes perspectivas geracionais. Nas relações comportamentais, tecnológicas, interpessoais e de consumo. Essas variações geracionais também demarcam períodos históricos que influenciam a formação da identidade do indivíduo, enriquecendo a perspectiva sobre identidade.
Equilíbrio entre gêneros	Outra preocupação válida de ser mencionada é a variedade de gêneros com os quais os parceiros se identificam, uma vez que contemplar somente o gênero feminino poderia reforçar um estigma de domesticidade da mulher, algo que não reflete o foco do projeto.

Fonte: a autora.

#### 4.3.3 *Desenho do roteiro de entrevistas*

Em síntese, as entrevistas realizadas com os parceiros de projeto visavam compreender de que maneira as identidades pessoais desses participantes permeiam as residências em que residem, revelando-se por meio dos artefatos ali presentes. O objetivo era a identificação de quais são os objetos e de que modo eles evidenciavam a essência da suburbanidade carioca. A coleta desses dados desempenha um papel crucial na orientação do projeto, proporcionando um olhar que considerou a visão do coletivo para as próximas etapas. Os pilares trabalhados no roteiro estão presentes no quadro 2.

Quadro 2 – Critérios de estruturação dos tópicos tratados no roteiro.

Critérios	Definição
Conversa inicial e final sobre o projeto	Baseadas nas conversas preliminares de captação dos parceiros de projeto, dúvidas, questionamentos e observações feitas no contato inicial foram abordados novamente no começo da entrevista. Ao final da sessão, após os participantes passarem pela experiência completa da entrevista, retomava-se a conversa sobre o tema, abrindo espaço para que expressassem suas expectativas quanto ao desdobramento do projeto.
Conversa sobre identidade pessoal	Explorando a autopercepção dos entrevistados, considerando os hábitos, costumes, crenças e diretrizes culturais que os definem.
Conversa sobre o cotidiano da pessoa	Uma vez que esse aspecto impacta diretamente na forma como os indivíduos lidam com ambientes, artefatos e eventos ao seu redor, houve um momento específico para compreender a dinâmica diária das casas.
Conversa a respeito das crenças sobre o sujeito carioca	A fim de entender a perspectiva dessas pessoas sobre o subúrbio do Rio de Janeiro; como elas se enquadram nesse cenário; quais são as influências que morar em Olaria tem em suas vidas; e quais são as influências que a possibilidade de ter morado em outro bairro impacta na personalidade dos parceiros de projeto.
Dinâmica de tour pelos cômodos da casa	Pedindo que as pessoas apresentassem três cômodos da casa e apresentassem, no mínimo, três artefatos que tivessem algum significado para elas, compartilhando suas histórias e a razão daquilo ter motivado a atenção do parceiro de projeto.

Fonte: a autora.

## 5 Análise da pesquisa

As abordagens analíticas utilizadas focaram em duas vertentes: a investigação dos afetos das pessoas em relação aos artefatos de seus cotidianos domésticos e a avaliação de aspectos gráficos, considerando parâmetros relevantes ao campo do design, como função, formato e posicionamento arquitetônico.

### 5.1 Organização dos dados de pesquisa

Como parte do momento de análise, houve o tratamento dos dados provenientes das conversas e entrevistas. A natureza diversificada dos materiais coletados foi considerada, uma vez que os registros compreenderam anotações não estruturadas das conversas, fotografias dos ambientes domésticos e as gravações das interações com parceiros.

No que tange à gravação e transcrição do conteúdo audiovisual, as diretrizes estabelecidas para estrutura do roteiro foram aplicadas, permitindo uma análise individualizada das falas de cada

participante. Este processo segmentou os dados em quadros (figura 4), abordando informações sobre a pessoa, além do que foi conversado com ela sobre o bairro, a sua rotina e a sua casa.

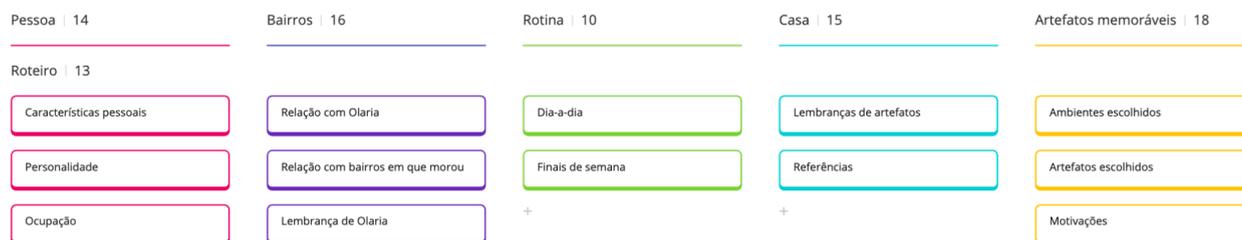
Figura 4 - Exemplo de aplicação do instrumento de análise do bate-papo com parceiros de projeto

Pessoa	Bairro	Casa
 notas <a href="#">Acesse a tabulação da pessoa</a> <ul style="list-style-type: none"> <li>42 anos;</li> <li>Formada em direito, hoje é dona de casa;</li> <li>Se define como uma pessoa família, por conta disso gosta de estar cercada pelos seus filhos, família, amigos dos filhos e seus amigos próximos;</li> <li>Gosta de comemorações e feriados festivos em que reúne família e amigos.</li> </ul>  	 notas <a href="#">Acesse a tabulação do bairro</a> <ul style="list-style-type: none"> <li>Nascida e criada em Olaria, morou em outros lugares quando adulta, mas voltou ao bairro de origem;</li> <li>Morou até os 35 anos em Olaria. Depois disso morou em bairros que gostou, mas considerou violento, por isso não permaneceu. E também morou em bairros que não gostou por conta da antipatia dos moradores, "os vizinhos não te dão nem bom dia";</li> <li>Atualmente, gosta de morar em Olaria.</li> <li>Considera que quando criança o bairro não era tão movimentado quanto é hoje;</li> <li>Hoje em dia para fazer as coisas não precisa ir longe, pois tudo é perto;</li> <li>Um ambiente em que todos se conhecem há muito tempo;</li> <li>Tem a percepção de que no bairro tem violência, mas não acha violento;</li> <li>História marcante com o bairro: o rio que passa debaixo da rua estourou em 87, os vizinhos perderam tudo. Na rua ficou um buraco, ela e as outras crianças ficavam observando as coisas passarem no rio através da cratera.</li> </ul>	 notas <a href="#">Acesse a tabulação da casa</a> <ul style="list-style-type: none"> <li>O corredor da casa em que mora atualmente, mesma casa em que morava quando criança, marcou a vida dela porque era o espaço em que brincava quando criança, trazia os namorados na adolescência e observa seu avô ficar quando este estava mais velho;</li> <li>O corredor foi mudando ao longo dos anos, mas "sempre teve planta, porque minha vó gostava de plantas, agora eu mais ainda";</li> <li>Gosta de mudar os ambientes da casa, gosta de obra, gosta de redecorar. Se estivesse começando sua vida hoje trabalharia com arquitetura e decoração. O avô era construtor, ela aprendeu muito com ele e atualmente tem interesse em aprender como as coisas são feitas nas obras;</li> <li>Ela contrata pessoas para fazer a obra, mas fiscaliza tudo de perto;</li> <li>A decoração ela mesma faz através das referências de faça você mesmo no facebook, ela gosta de testar;</li> <li>Gosta de comprar na Praça 2 as coisas para casa. Gosta de arranjos de flores, coisas exóticas, fontes d'água, quadros da parede, sino de vento, mandalãs;</li> <li>É supersticiosa e isso afeta como a casa dela está decorada e organizada;</li> <li>Quando era mais nova não gostava de plantas, mas quando se mudou para uma</li> </ul>

Fonte: a autora.

Simultaneamente à segmentação individual e análise das falas, foram identificadas temáticas e palavras-chave (figuras 5, 6 e 7) que se destacavam por sua relevância ou pela manifestação de padrões recorrentes. Esses elementos foram organizados em um quadro de tags, com o propósito de categorizar as falas dos parceiros, facilitando a identificação de correlações Diretrizes iniciais par.

Figura 5 - Temáticas relacionadas aos objetivos da pesquisa à identificação das falas dos parceiros de projeto



Fonte: a autora.

Figura 6 - Temáticas relacionadas à identificação das falas dos parceiros de projeto

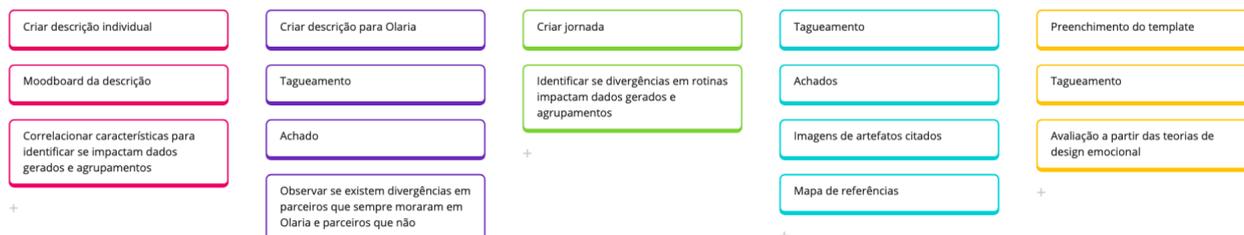
Tags para análise | 44



Fonte: a autora.

Figura 7 - Temáticas relacionadas à análise dos dados

Como analisar? | 16



Fonte: a autora.

Posteriormente, a análise da dinâmica de apresentação dos cômodos e artefatos relevantes, com base nos diferentes registros, envolveu a criação de quadros sistemáticos (figura 6). Esses quadros permitiram uma análise mais estruturada dos artefatos mencionados pelos parceiros, abordando o ambiente em que se encontram, seu uso, o prazer associado, as motivações para destacá-los e as palavras-chave utilizadas durante as falas dos parceiros, além de incluir os registros fotográficos. Essa abordagem possibilitou uma catalogação inicial dos elementos presentes nos ambientes residenciais, preparando o terreno para a análise integrada dos dados.

Figura 8 - Exemplos de aplicação dos modelos de análise dos momentos de dinâmica

<p>Parceiro: </p> <p>Minutagem: 30:35 01</p>  <p><b>Palavras-chave</b></p> <p>casa dos sonho quero          sempre quis sonho          conforto</p> <p><b>Motivações</b></p> <p>"A minha cozinha eu gosto porque, primeiro, eu adoro vermelho. Então, minha cozinha tem muito vermelho"</p> <p><b>Eletrodomésticos vermelhos</b></p> <p>Ambiente: cozinha          Uso: eletrodomésticos, enfeite          Prazer: psíquico e social</p> <p><b>Origem</b></p> <p>Compra ou ganha da família</p>	<p>Parceiro: </p> <p>Minutagem: 26:30 01</p>  <p><b>Ambiente: Cozinha</b></p> <p><b>Motivações</b></p> <p>A cozinha nunca está totalmente organizada. "Organizada não tá muito, porque eu acho que casa muito arrumada não é casa feliz. Pra mim casa tem que ser bagunçada, porque é sinal que tem felicidade, tem gente". A cozinha é toda vermelha, todos os eletrodomésticos. Era seu sonho quando mais nova montar uma cozinha do seu jeito.</p> <p><b>Artefato: eletrodomésticos vermelhos</b></p>  <p><b>Ambiente: Sala de jantar</b></p> <p><b>Motivações</b></p> <p>"Aqui tem as coisas que eu gosto, no caso, as decorações. Gosto muito de coisas exóticas. Aí, também tem a parte de Deus, que eu acho importante"</p> <p><b>Artefato: decorações exóticas e religiosas</b></p>  <p><b>Ambiente: Entrada</b></p> <p><b>Motivações</b></p> <p>Lugar onde ficam suas plantas e os vasos que faz para as plantas.</p> <p><b>Artefato: Plantas</b></p>
---	--

Fonte: a autora

## 5.2 Resultados da pesquisa de campo

A análise gerou uma segmentação dos sentimentos e afetos comuns em relação aos artefatos. Mais do que uma lista de artefatos comuns que existiam nas residências dos parceiros — canecas, quadros, plantas, almofadas, fotografias, eletrodomésticos vermelhos —, os dados mais significativos identificados derivam da interação pessoa-objeto e não da relação objeto-espço, uma vez que o lugar que o artefato assume na casa é também um reflexo do afeto atribuído a ele.

Quadro 3 – Segmentação proposta como resultado da análise.

Segmentos	Definição
Elementos de crença	São manifestações de espiritualidade, crença e expressões visuais de fé. Estes elementos incluem: decorações que trazem palavras de afirmação; representações tradicionais da fé cristã, como quadros da Santa Ceia; decorações que evocam a ancestralidade, como esculturas com motivos africanos; e imagens simbólicas, como elefantes e corujas que devem ser posicionados em um local determinado da casa para trazerem o efeito desejado.
Reflexão e introspecção	No cuidado com a casa, no cuidado com seres vivos — como plantas e peixes — ou no artesanato encontram

conforto, espaço para pensar e relaxamento, é um momento que consideram tirar para seu bem-estar. Há ainda um aspecto de contemplação, isto é, situações em que a atividade de cuidar não está sendo desempenhada, mas há a admiração pelo realizado. Cuidado com plantas mesmo que não tenham jardim, cuidado com os peixes no aquário que mantém, costurar a capa da almofada ou decorar um vaso para colocar as plantas.

---

Sonho realizado

Algo que sonhavam em ter em suas casas e hoje consideram como uma conquista; geladeira de duas portas, cozinha com eletrodomésticos e utensílios na cor vermelha, cafeteira, a reforma de algum espaço da casa.

---

Demarcam momentos de vida

Seja algo comprado ou ganhado em fases específicas, eles são vistos como parte integrante da história dos parceiros. Mesmo que sejam móveis, utensílios ou itens que talvez não tenham mais utilidade prática, há hesitação em se desfazer, seja por conta do valor sentimental ou por considerarem que aquilo ainda pode ser útil de alguma forma. Cada item carrega consigo uma narrativa única, um quadro adquirido para a primeira casa, uma escrivaninha comprada com o primeiro salário, os desenhos dos filhos expostos na sala.

---

Herança afetiva e de costumes

São utensílios ou hábitos que herdaram dos familiares e casas que frequentavam quando eram mais novos, geralmente na infância. Quando se trata de objetos herdados, a conexão com a pessoa é evidenciada através da fala emocionada e da impressão de superioridade material ao que hoje é fabricado. Não obstante, os hábitos e costumes transmitidos tendem a ser mais subjetivos, fazendo parte da casa de maneira menos óbvia, esses reflexos remetem a comportamentos adotados pela referência de uma familiar mais velha, como a avó. O espremedor de frutas, hábitos como pendurar quadros e tapeçaria nas paredes, cuidados com as plantas, cuidado com a cozinha e bibelôs que lembram de familiares terem em suas casas.

---

Adaptação da casa

Pequenas e recorrentes transformações proporcionam uma sensação de conforto e acolhimento, ainda que estejam sujeitas às restrições financeiras. Essas mudanças são implementadas pelos próprios moradores, refletindo-se em ajustes constantes no ambiente domiciliar. Desde simples rearranjos de móveis até a pintura de uma parede, passando pela substituição ou reorganização de mobiliário, cada modificação é uma expressão da busca por um lar mais aconchegante. Muitas vezes inspiradas por tutoriais online ou pelo conhecimento artesanal adquirido ao longo do tempo. Essas iniciativas são reflexo das aspirações e habilidades dos parceiros.

---

Fonte: a autora.

Além de padrões de afetos, no cenário estudado foram identificados padrões de

posicionamentos, utilizações e de relevância dos artefatos no ambiente. Isso é o que traz a unidade para as residências do bairro carioca de Olaria. São nesses detalhes que a cultura local se faz presente sendo manifesta visualmente.

## 6 Reflexões sobre o estudo

De modo a preceder às reflexões sobre a pesquisa e a utilidade da mesma, é válida a reflexão sobre aspectos pragmáticos dos métodos, práticas e resultados do projeto. Por isso, inicia-se o processo de reflexão pelas situações vividas no campo. Para só, então, refletir sobre os resultados.

### 6.1 Reflexões quanto às conversas com os parceiros de projeto

Durante a experiência de campo, houve a constatação de que a abordagem utilizada para envolver os participantes foi bem-sucedida. Todavia, isso se deu especialmente pelo vínculo pessoal pré-existente. Em contextos distintos será necessário adotar estratégias diversas para conquistar a participação efetiva.

Um ponto crucial observado foi a importância do nível de interesse manifestado pelos parceiros, sendo essencial para o êxito da pesquisa. A disposição deles em participar ativamente contribuiu significativamente para a riqueza das conversas e para a profundidade das informações coletadas.

À medida que o estudo da temática evolui, destaco a importância de manter um nível de interesse por parte dos parceiros, pois essa disposição contribuiu para a profundidade das discussões. Para futuros desdobramentos e diferentes cenários, considero essencial desenvolver dinâmicas que estimulem um aumento contínuo do interesse e engajamento com o estudo.

Houve um desejo latente por parte dos parceiros de projeto de terem suas histórias valorizadas. Essa expectativa reforçou a importância de destacar não apenas os artefatos, mas sobretudo, as pessoas por trás deles. A necessidade de proporcionar visibilidade a esses indivíduos tornou-se um impulso para o desenvolvimento do projeto.

### 6.2 Reflexões quanto aos dados captados

As conversas com os parceiros de projeto revelaram-se como uma incursão nas nuances das experiências, gostos, memórias e desejos que permeiam as suas residências no subúrbio do Rio de Janeiro.

As histórias compartilhadas durante as entrevistas foram muito mais do que relatos sobre artefatos específicos; alguns dados se cruzavam, não necessariamente pela presença do artefato em si, mas pelos motivos subjacentes que impulsionaram suas escolhas, as relações com esses objetos e as utilizações no cotidiano do domicílio. A dimensão das informações coletadas ultrapassou as características superficiais dos artefatos, uma vez que no próprio momento das entrevistas as falas eram marcadas por momentos de reflexão sobre suas experiências e motivações.

### 6.3 Reflexões quanto aos resultados de análise

A segmentação dos afetos propostos não se restringe aos parceiros de projeto e nem mesmo ao bairro de Olaria. Com a finalização do material elaborado para o trabalho de conclusão de curso, há um potencial de pesquisa e exposição dos afetos dos indivíduos e dos subúrbios que podem ser expandidos na aplicabilidade da análise feita em diferentes regiões e contextos.

Os cinco segmentos servem como uma lente inicial para a busca de padrões nas residências. As categorias pontuadas como resultados de análise não são imutáveis e fechadas, nem mesmo só cinco. Uma vez que os resultados gerados não são isolados do espaço ou descolados do período estudado, a cada novo olhar para dentro das casas, afetos diferentes podem se somar ou alterar a análise defendida neste artigo. Porém, as práticas de coleta, registro, segmentação e análise empregadas na construção da pesquisa são úteis na exploração de novos aspectos das materialidades dos objetos e das imaterialidades dos afetos.

## 7 Conclusão

O trabalho de conclusão de curso tinha como meta principal escutar, compreender e traduzir histórias contadas por pessoas sobre seus afetos em relação ao meio em que vivem e as vivências construídas dentro de suas residências. Isto para exaltar, expor e gerar conexão entre o grupo de parceiros de Olaria e aqueles que se reconhecem como parte do subúrbio carioca.

Buscando alcançar esse objetivo, a pesquisa participativa, a cartografia, as conversas foram a essência do projeto. Sair um pouco do papel de entrevistadora-moderadora-questionadora para uma parceira interessada na vida deles foi a oportunidade de abrir um diálogo maior e chegar na produção de dados e relatos. A pesquisa foi um caminho de reflexão e conhecimento para as pessoas que participaram ativamente do projeto.

No entanto, o reconhecimento desses aspectos não são somente importantes para as pessoas que participam do contexto em que o estudo ocorre. O reconhecimento desses aspectos é igualmente relevante para uma prática de fazer design sólida. A escuta sensível e próxima expande as percepções sobre o grupo e gera conexão se empregadas nas práticas de design.

O fazer design orientado por meio de uma perspectiva do design emocional não apenas enriquece a interação entre as pessoas e os produtos, mas também abre novas possibilidades criativas para os designers. Nesse cenário, recai sobre estes profissionais a responsabilidade de captar nuances emocionais e incorporá-las nos projetos para alcançar resultados coesos de acordo com necessidades ou interesses do público (Norman, 2004).

## 8 Referências

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: **Dialética da colonização**, p.308-345. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. Cultura popular (verbetes). In: **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**, 2015. (<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/26/cultura-popular#:~:text=Nos%20estudos%20interdisciplinares%20mais%20recentes,divis%C3%A3o%20entre%20erudito%20e%20popular.>)

DAMAZIO, Vera. Design e Emoção: alguns pensamentos sobre artefatos de memória. In: **P&D 2006 - 7º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, 2006, Curitiba. Anais do

P&D 2006. Rio de Janeiro: AEnD -Br, 2006.

DOHMANN, Marcus (Org.). **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

FINIZOLA, Fátima. **Tipografia Vernacular Urbana**: uma análise dos letreiramentos populares. São Paulo: Editora Blucher, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MORAES, Dijon De. **Análise do design brasileiro**: entre mimese e mestiçagem. São Paulo: Blucher, 2005.

ONO, Maristela Mitsuko. Design, Cultura e Identidade, no contexto da globalização. In: **Revista Design em Foco**, vol. I, núm. 1, pp. 53-66. Bahia: Universidade do Estado da Bahia, 2004.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Rodrigo Cunha Bertamé. **Rizomas Suburbanos**: possíveis ressignificações do topônimo subúrbio carioca através dos afetos. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2016.

RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen Sanches; SOUZA, Rafael de (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2023.

SANTOS, Joaquim Justino; MATTOSO, Rafael; GUILHON, Teresa (Orgs.). **Diálogos Suburbanos**: Identidades e Lugares na Construção da Cidade. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; MOUTINHO, Marcelo (Orgs.). **O meu lugar**. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.